

ABC DO MAGRO POETA MAX MARTINS

J. ARTHUR BOGÉA

Professor da UFES (1977) e da UFPa (1983); professor-visitante
Rijksuniversiteit te utrecht-Holanda; ensaísta; autor de inúmeros
estudos sobre autores amazônicos.

Anti-retrato = (A/r) — O magro poeta do título é Max Martins (m/M) e Anti-retrato é o segundo livro publicado em Belém. Edição de 1960. Capa de Jomendes e dedicado a Alonso Rocha, Benedito Nunes, Eurico Martins Filho, Jurandyr Bezerra, Max Boudin e Roberto Stock. Dois anos antes ganhara o primeiro lugar no concurso literário da Academia Paraense de Letras. Em entrevista a Elias Pinto m/M contou sobre a publicação e distribuição deste livro: "O Anti-retrato chegou apenas à livraria D. Quixote de Haroldo Maranhão. E eu fiquei com o Anti-retrato inundando a minha casa, com pacotes de livros até no banheiro do meu escritório. Foi quando resolvi mandar um menino jogar fora os livros nos covões de São Braz, onde é hoje o Terminal Rodoviário. Anos depois, amigos meus me comunicaram que possuíam o Anti-retrato. "Mas eu não dei o livro a ninguém", retrucava. "Jogaram pela minha janela", respondiam. Pois bem, esse menino, em vez de jogar os livros nos covões, passou a distribuí-los pelas casas, jogando-os pelas janelas, como se fazia antigamente com os almanaques". Em A/r surge o primeiro poema No Túmulo de Carmencita, mas a "virgem doméstica" que o poeta romanceou, "física morreste com uma rosa nas mãos", vendo o nome escrito na tumba do Cemitério da Soledade, era uma nati-morta que obsessivamente reapareceria em O/r e a passagem do tempo, a evolução do poeta para o concretismo faz com que os versos se fragmentem "no espelho sem fim" dos primeiros versos a palavra "virgem" ecoa nas aliterações com "relva", "verde", "rever", "revivendo", "haver" e "ver". Em S/t reaparece o Túmulo de Carmencita (Arévalo de Vilacis), 1985 em que como Orfeu m/M desce aos infernos na disposição das palavras "canto/chão/jazigo/terra".

Branco — O branco é uma das obsessões de m/M desde o livro de estréia quando a "alva manhã whitmaniana" transfere o branco para o "riso-vestido-nuvens-mãos-igrejas-lírios-toalhas-altares-domingo" (O/e); "a imagem branca/dorme na concha" (A/r); o branco se faz transparecer através de uma "caveira de pássaro/exposta na planura" (H/); na exposição de "ossos" e "ovos" que equilibram versos de O/r, "e gozo o branco/que apaga tudo" (S/t); em A/f uma variante do verso anterior; o aproveitamento do espaço das páginas de C/m até a exaltação no poema O branco.

Caminho de Marahu — C/m — Belém, Grapho, 1983. Fotos de Miguel Chikaoka e Ronaldo Moraes Rego. Projeto gráfico e interferência nas fotos: Age de Carvalho (a quem é dedicado o poema Meditação para Bashô). De origem tupi (a palavra significa fruta de sorver) Marahu é a Pasárgada de m/M por isso a grafia foi transposta para Mar-ahu: "não/é a ilha// Não/ é a praia// E o mar/ (de nos fazemos ao)/ é só um nome/sem/a outra margem",

utopia do poeta que reunifica a palavra páginas depois Marahu: "A Praia/a tarde se desdiz /te diz se estende/e te dissolve". O livro é saudado por Edilberto Coutinho no artigo O poeta em busca do parceiro amoroso: "Max se revela (...) além de poeta, um pesquisador e crítico, na linguagem de Décio Pignatari e dos irmãos Campos, ou de Ferreira Gullar (o da fase concreta ou neoconcretista) e João Cabral com seus parâmetros (desculpem a má palavra) mais remotas (da modernidade) em Mallarmé — por exemplo — ou mais recente e de forma ostensiva, em Ezra Pound" (Rio, O Globo, 1983). A sombra de Mallarmé já havia sido mencionada por Benedito Nunes: "Vem dessa origem e desse compromisso a inabalável poesia de Max Martins no conjunto da poesia brasileira atual" (Colóquio/Letras, Lisboa, 1973). O poeta francês Michel Rioudeau, em *La Quinzaine*, destaca "L'éclatement du vers, de la syntaxe et du signe" em C/m e aponta "quelques images obsessives, la brûlure, la lame, le sang".

Diário — Desde 1983 m/M mantém um diário que afirma "não é nada íntimo": anotações dos acontecimentos, um verso lido ou aprendido, recortes de jornais, colagens reforçadas por traços em cores, ou desenhos que completam o vazio que ficou na página.

Estranho, O — (O/e) — Entre o "estranho" do título e o "estrangeiro" do verso final m/M apresenta seu itinerário poético: de uns "seios brancos" ao "mar" que um dia "iremos ver amiúde" faz o leitor pressupor distância. Este livro de estréia aos 24 anos traz apresentação de B(enedito) N(unos) que considera os versos "rebeldes" (...) "por vezes impuros" como um "desabafo sincero, impiedoso e irônico de suas decepções e esperanças". A publicação (1952) já introduz a figura do anjo que mais tarde se traduziria em "pássaro", "asa", "vão"; os "lírios" — "Tens apenas uns lírios sobre a mesa" (10) — entretanto floresciam somente até o próximo livro em que se apresenta como Max, magro poeta: "Acaso amaste o lírio/colhido às pressas/entre os teus sapatos?" (A/r,3); sapatos/botas, símbolos do viajante em todas as direções, passam a ser recorrentes em todos os livros: "Nos teus sapatos crescem flores de limo" (O/e,29); "Ajusto as botas que me levam ímpar/calejado,/de gravata e triste" (A/r, 1); a ilustração central de A/f mostra os sapatos de m/M e Age de Carvalho (inclusive o inédito para ter onde ir¹), "Estranho" + "estrangeiro" + "alheio" = nova versão de O estranho em (H/). Ângela Maroja considera O/e "ainda muito próximo da linguagem lógico-discursiva (regida pelo princípio da identidade e não contradição) é quase um corpo estranho no corpus poético de Max Martins. Destaco, entretanto, dois poemas, que, pela temática, num, a conversa com o par amoroso, noutro, a procura da palavra perdida, se alinham no curso logo-erótico que marcará os livros seguintes" (O Liberal, Belém, 1984). A autora se refere a O estranho e poemas III.

Fala entre parêntesis, A — (A/f) — Belém, Grapho, 1982. Renga em parceria com Age de Carvalho, o "amigo-irmão". "Este livro não é produto de simples co-autoria: encerra um único poema, a dois concebido e a dois escrito" — frisa Benedito Nunes. O crítico em Jogo Marcado informa que o jogo da renga era praticado no Japão do século XVI e em 1969 um editor de Nova Iorque reuniu o mexicano Octávio Paz, o francês Jacques Roubaud, o italiano Eduardo Sanguineti e o inglês Charles Tomlinson para um trabalho semelhante que resultou no livro Renga, a Chaim of poems. Sobre a publicação paraense Camponizzi Filho diz que "O poema é um jogo — inexistente sem o lúdico das palavras que se orientam na disputa" (Diário de Minas, Belo Horizonte, 1982). Helena Parente Cunha destaca "a poetização da própria arte de poetar" (O Globo, Rio de Janeiro, 1982) enquanto Sérgio Palmquist destaca "A coragem de se desnudar diante de outro" (A Província do Pará, Belém, 1982) e nesta reportagem os dois poetas declaram: // "Max é o ouvido que eu precisava" // "o convívio com Age, com a sua geração me fez deixar de ser caturra, me fez bem-humorado". Edmond Jabès e Guimarães Rosa fornecem as epígrafes do livro: "Une amitié, ce n'est peut-être qu'un échange de lexique" / "Eu era dois, diversos?".

Gerações — Os poetas paraenses da geração de m/M estão sob o signo do anjo elegíaco de Rilke (e Klee): anjo iconógrafo que me arma as penas (O/e); Paulo Plínio Abreu canta um 1/2 "quero dizer-te, 1/2 puro anjo/1/2 a beleza que vejo nos teus olhos" 1/2; Mário Faustino se ressentido, 1/2 "por mais que sempre o cante/1/2 anjo não

¹ livro publicado posteriormente, em 1991, pela Massao Ono.

me atende" e Ruy Barata desafia o $\frac{1}{2}$ "Logo mais estarei diante de ti, / $\frac{1}{2}$ Anjo dos Abismos $\frac{1}{2}$ que atravessas a noite com a carícia fatal $\frac{1}{2}$ ao $\frac{1}{2}$ teu $\frac{1}{2}$ olhar maldito. O depoimento de m/M sobre seus companheiros de "travessia e residência" (O/r) é apaixonado: Paulo Plínio — "com o passar dos anos vou gostando cada vez mais da sua poesia"; Mário Faustino — "Os maravilhosos poemas. O eterno sorriso. As belas gargalhadas. A juventude esplendorosamente latina. O rigor dos seus estudos e na expressão poética. A inteligência. A melhor poesia até agora feita nestas paragens. Um dos melhores poetas do Brasil."; Ruy Barata — "Minha grande admiração pela poesia que ele fez. Poeta que sempre respeitei". Ainda expressa admiração por Alonso Rocha — "Meu primo. Temos a mesma idade. Começamos a poetar juntos ainda na adolescência e essa aventura ainda prossegue com a mesma paixão. Poeta tarimbado, sabe todos os segredos do verso. Artista do soneto"; Jurandyr Bezerra — "Amigo também dos mais antigos. Outro artista do verso. Deve a todos nós que admiramos sua poesia o livro que a sua demasiada modéstia mantém inédito. Antenas sensibíllimas para captação das palavras em sua poesia"; Robert Stock — "Admirável poeta americano. Viveu em Belém na década de 50. Foi ele com a sua visão exemplar do que é a arte e a vivência da poesia, que mais me influenciou na descoberta daquilo que em mim poderia servir ao poema: fidelidade e paixão, paciência e trabalho, humildade e solidão"; a admiração de m/M se estende a críticos e romancistas: Francisco Paulo Mendes — "Nosso Mestre. Sua paixão pela literatura e pela poesia. O juízo crítico. Dediquei a ele o livro com a reunião dos meus poemas como reconhecimento do que ele é e em homenagem ao amigo"; Haroldo Maranhão — "Amigo dos mais antigos. A ele dediquei o livro do meus poemas reunidos. Um romancista de primeira linha"; Benedito Nunes — "A melhor cabeça. O que mais me ensinou. Um nome para o mundo. Feito e acabado para a filosofia e a literatura. O crítico rigoroso/amoroso na apreciação das obras de arte. A paixão pela poesia. O humanista. O naturalista". Entre os poetas da nova geração destaca Age de Carvalho — "Amigo-irmão. Meu companheiro de viagem pelo caminho da poesia nestes últimos onze anos. Parceiro no poema "A fala entre parêntesis"; Artista gráfico de grande quilate, atua hoje em Munique. Em dez anos tornou-se o poeta maduro que é. Senhor da palavra enxuta, concreta, sua poesia de alto nível está entre as mais importantes feitas atualmente no Brasil"; e Rosângela Darwich — "Da nova geração gosto muito dos poemas que ela faz. Ela e o Age foram as únicas revelações para a poesia nestes últimos anos no Pará".

H'ERA = (H'/) — Terceiro livro, data de 1971. Capa de Valdir Sarubbi. Entre o sexo e o amor m/M se volta para o social — O não da fome. Antonio Hohlfeldt no artigo *Alguma Poesia do Norte e Nordeste* (Correio do Povo, Porto Alegre, 22.05.76) aponta no título a composição de hera/era. Benedito Nunes sempre presente a todo lançamento do poeta destaca "As metáforas densas que sexualizam a metáfora da Natureza" (Colóquio/Letras, Lisboa, 1973). Acyr Castro classifica de "um trabalho-labirinto" e acrescenta: "H'era é uma obra-prima, à margem da concepção poemático-verbal, menos perfeição de forma que proposta de plenitude na feitura de uma poesia que se edifica no processo, por isso da mais impressionante atualidade" (A Província do Pará, Belém, 1973). A ligação com o livro anterior — A/r — se faz com a reedição do poema Home. Este livro é uma explosão do verde até então apenas latente em referências à paisagem: "Em verdes eras — fomos / hera num muro / canto chorado pelo vento / que envolvia tudo — o verde — embora o verde às vezes de haver se ressentisse no olhar de quem/além/a gente amava ave". (H'era); "E veio amor este Amazonas fibras / febres / e mênstruo verde" (Travessia, IV); "ver o verde/ver o verme/ o verme é verde" (Ver-o-Peso). Muitos versos são um culto ao falo (associação com a flauta de Pã) como princípio criador da poesia: "cavo esta terra — busco um fasso / FODO-A! agudo osso/oco/flauta de barro/sôa/" (Koan). Ângela Maroja observa em Por que a poesia de Max Martins que "A partir de H'era abre-se cada vez mais o corte, a fenda erótica, de que fala Barthes, entre as duas margens em que a língua materna do poeta se redistribui no ato da escritura (...)". "A outra margem" de contornos imprecisos e imprevistos onde deságua, diria Max, "o sêmen da linguagem", o "verso perverso"; "a outra margem" para onde acena e aponta "a fala em riste" (O Liberal, Belém, 1984).

Intertextualidade — Com essa técnica m/M homenageia seus autores espelhos: o companheiro de

geração Mário Faustino: "Os corpos. Pronúncia constelada pelo amor/ e a morte de Faustino, entre a crespa coroa/ negra/ e o teso nervo alojado em olho profundo"; Octávio Paz: "solo a dos você"; Bashô: "o som da água"; George Trakl: "És um tenebroso corsário no mar salino da melancolia"; Paul Celan: "a Palavra sobrevoada por astros"; Edmond Jabès: "Tu és aquele que escreve e que é escrito".

Já as palavras — De todos os livros certamente é O/r o mais reflexivo do "homo poeticus", ali tudo é objeto da apreensão de m/M: a letra = Ame o P; a sílaba suprimida "poesia/és pó" e a sílaba acrescentada "perverso"; a palavra = "domador quase domado/ já as palavras/ é que me lavram (...) as serpentes"; o verso — "Jaculatório és/ meu verso: pênis"; a poesia como matéria da poesia = "E o verbo se fez carne"; o poeta = "o poeta se refaz/ Se lavradiz", e até mesmo uma tatuagem. m/M equilibra seus versos entre dois símbolos antagônicos: A asa e a serpente, entre "palavras-pássaros" e "rio de lama". A poesia que se lê em O/r tem a imagem do uróboro.

Legenda — O poeta se auto-define; "Sou homem sem títulos, /sou todo legenda" (H/').

m/M (in S/t) — "Pela solidão/ contra a solidão/ te escrevo/ e já não o és/ minha// indecisa frase/ indecifrável". "Em que espelho ficou perdida a minha face?" — se pergunta Cecília Meireles. Frase-face/poeta-poetisa/anima-animus. Ver N (arciso).

Narciso — Timidamente, antes do roqueiro Evandro Mesquita escancarar. "Eu me amo/ eu me adoro/ eu não consigo viver sem mim", m/M ensaiava um tímido: "Amo-me" no poema Narciso (O/e). "Água/espelho" são símbolos constantes em toda a poesia do livro inicial até C/m: "nesse mar que é noite/ a noite me escrevendo" 1/2 "— amor espelhismos de esquecimentos distantes" — ambos em C/m; não só água e espelho como também outros reflexos da própria grafia C'eu (C/m); o "eu" e o "outro"; "eu/que me entretenho interdito" (C/m)/ "e nós dois, dois falos críticos" (A/f) — ressonâncias do "existencial narciso" de Mário Faustino.

Ode — A definição do Dicionário Aurélio para ode se desdobra em: "1. Entre os antigos gregos, composição em verso que se destina a ser cantada. 2. Composição poética de caráter lírico, composta de estrofes simétricas". Se o canto é a aura mágica da palavra inexprimível e está na raiz do grito, é um grito de desejo que está na Ode de Anacréon ao seu poeta: "mete!"; é também um grito de angústia a única palavra "cala-me" Do poeta em desespero à sua amada. — ambos em C/m. Diante da segunda definição acima, ambos são anti-odes.

Poesia — O poeta teoriza e xinga a poesia a quem chama de "inimiga" (...) prostituta que hoje me beija e amanhã me apunhala" e teoriza: "Não acho que o trabalho poético deva ser um reflexo imediato, imediatista da minha cotidianidade, das minhas dores de cotovelo, das minhas cólicas, do meu humor. O poema também é depositário de tudo isso, mas de forma trabalhada, refundida e reflexa. Refletida". Mas, insiste na prática da (poesia): "Teu nome é não em cio e sons farpados/Cilício escrito, escrita ardendo, dentro/ se revendo/fera/ do silêncio úmido se lambendo, lábil / labiríntima lâmina se ferindo/ se punindo" (C/m). Assume sua condição de Homo poeticus: "Em nome do Pai filho do Nome o homem/ clama por seu nome/ ao Ermo/ a esmo/Chama/ e se consome/ O poema é fome de si mesmo" (O/r). Para m/M o poeta é um homem sem rosto: "Atrás da máscara/ não há rosto — há palavras" (O/r) e/ou um único rosto — o de Pô: "na incubada flauta" (A/r) flauta que se multiplica em outros símbolos sexuais em que o ponto de interrogação carrega de ambigüidade a palavra "falo?" = logos/pênis. É a poesia reflexa/refletida e o que Vicente Cecim afirmou que "Max Martins vai inscrevendo por sua vez uma voz singularmente interrogadora no quadro raso e tantas vezes negro da literatura nacional".

Que — O Dicionário Aurélio apresenta doze funções do "que", que se renda a gramática à poesia, m/M preenche todas elas: pronome interrogativo (o exemplo é Casimiro de Abreu); pronome relativo (Castro Alves);

advérbio (Álvares de Azevedo); (Mário de Alencar); conjunção coordenativa aditiva (Antonio Nobre); conjunção coordenativa alternativa (Santos Morais); conjunção subordinativa comparativa (Junqueira Freire); conjunção subordinativa integrante (Castro Alves); conjunção subordinativa concessiva (Alberto de Oliveira); conjunção subordinativa causal (Goulart de Andrade); conjunção subordinativa final (João Cabral de Melo Neto); partícula expletiva (Casimiro de Abreu)

Risco subscrito, O — Belém, Semec, 1980. Capa de Emmanuel Nassar. O professor Pedro Pinho declara que “São poemas que se impõem de imediato pela essencialidade do pensamento poético que escavam (até o osso ou mesmo o oco do sentido, para usarmos ríspidas metáforas do próprio autor) e pela criatividade altamente elaborada e controlada de sua fatura formal, rigorosa e exímia como um risco”. Vicente Cecim, também poeta, indica que “Continuando a avançar para as regiões mais íntimas do livro, uma outra inscrição nos advertirá de que, nele tudo o que iremos encontrar é dedicado “a Geoffrey Firminno Inferno”, mas nós saberemos, já em pleno texto, mais tarde, que esse inferno é sobretudo a região de um desejo: o de interrogar a vida em todas as direções” (Leia/Livros, Rio de Janeiro, 1981). É o primeiro livro depois de H/ este considerado o divisor de águas na poesia de m/M na análise de Ângela Maroja: “Em Max martins é preciso que se atravesse o concretismo ocasional como Um olho novo vê do ovo, Mútuo contínuo, Man & Woman, Abracadabra, publicados nos Caminhos de Marahu à inegável concretude de sua poesia, especialmente a partir de H’era (1971), estendendo-se n’O risco subscrito (1980) até o Caminho de Marahu (1983)”.

Sessenta/35 = (S/t) — “Edição comemorativa dos 60 anos de idade e 35 de poesia”. Belém, Grapho, 1986. A programação gráfica de Age de Carvalho junta a fotografia (de Octavio Cardoso) aos poemas, os poemas a números e os números a símbolos gráficos = o poeta continua suas andanças pelo Caminho de Marahu, passando por Belém e Serra dos Carajás. A Fala entre parêntesis se prolonga no poema de parceira Reencarnação.

Transgressão & traduções — Poesia é transgressão (quem falou?) por isso não quis fazer o ABC de m/M mas sim um ABZ do magro poeta. James Bogan verteu para o inglês This for that (S/t); Teresita Sagui para o espanhol Meditación para Bashô (C/m); Sérgio Wax e Michel Riudel To what it works in (título “desentranhado” de um soneto de Shakespeare, do livro Para ter onde ir) respectivamente, para o italiano e francês e Reiner von Eichbaum para o alemão.

U.S.A — Em outubro de 1988 m/M viaja para o Missouri. Compromisso com o projeto Brazilian Poetry Reading. Maria Elisa Guimarães relata em reportagem em O Liberal que a visita incluía também palestras sobre “poesia brasileira e cultura amazônica, de um modo geral: tudo isso se desenvolvendo num circuito de escolas, universidades, centros de espetáculos, bibliotecas etc”.

Velas — O poeta (a) porta suas velas no Ver-o-Peso, poema inserido em H/. Velas — mastro — barco — viagem são símbolos das errâncias de livro em livro: “As velas murchas, os mastros cansados de vento” (O/e); “Há um mar, o dos velames” (A/t); “o herzogiano barco (...) barco que arrasto e sirgo selva a dentro” (C/m); em Viagem o m/M é continente e conteúdo: “O rio que eu sou/ não sei/ ou me perdi” (C/m). O Ver-o-Peso = partida/chegada entre o lírico e o social e, tão pouco afeito, se rende às rimas: nome/fome; exacerba as aliteraões: p/b e f/v e usa o recurso do anagrama: alma/lama. Segundo Lúcio Flávio Pinto “desde Mário Faustino, nenhum poeta que poetou por aqui submeteu a palavra a um tratamento tão rigoroso e metuculoso como Max. (...) Sua “amazonidade” não é exterior, é interna aos seus poemas, entranha nas palavras” (O Liberal, Belém, 1979). A viagem do poeta é sintetizada no “sem-tempo” por João de Jesus Paes Loureiro: “Em seus poemas a palavra nasce do tempo, contra o tempo, como para compensar a sua ação mortal. Mas essa contradição, esta constante tensão da palavra contra o

tempo, reflete uma visão "intemporal", na cosmovisão amazônica, onde a vida parece deslizar no sem-tempo, barco absurdo e desvelado" (Folha do Norte, Belém, 1972).

X (in H") — Em Morro de São Paulo (Bahia) dividiram a ilha em Praia 1, Praia 2, Praia 3, Praia 4... entre a Praia 1 e a Praia 2 fica a praia da Saudade que recheou de conotações a frieza dos números. Neste poema m/M "erg(o)" eu acima do símbolo do c.q.d. o "panis" e o "pênis": "A tarde era um problema/ (emblema)/a/re/ (sol)/ VER/."

Zen & concretismo — Símbolos, tradições e imagens zen surgem nos poemas de m/M: A seta e o alvo (A/r), Um jardim Zen (C/m); Na entrevista a Elias Pinto, citada no verbete A(nti-retrato), fala de seu encontro com o zen-budismo, e da cultura oriental que associa ao concretismo: "numa certa fase da minha vida foi despertado e mim um grande interesse pelo Oriente, que continua até hoje. A descoberta do Zen-budismo, por exemplo, me fascinou, foi um dos grandes prazeres que eu tive na minha vida de leitor. Mas eu não sou Zen-budista, não estou ligado a nenhuma religião. Eu me afasto na medida do possível, do que é institucionalizado. Não pertencço a academias de letras, a igrejas, a clubes ou partidos políticos. Eu prefiro ter sempre, inteiramente, a minha liberdade. Mas estou ligado ao misticismo oriental, e acredito que está no budismo a melhor filosofia de vida que já encontrei. E é natural que isto transparecesse nos meus poemas. Este misticismo está integrado na minha visão do fazer poético. E a poesia moderna tem muito de orientalismo. Quando eu era adolescente e tive conhecimento, e alguém me explicou do significado da escrita chinesa, para mim foi um deslumbramento, pelas possibilidades poéticas do ideograma. Vi naquela ocasião que o ideograma não só dizia como mostrava. Para você fazer um poema necessita de um código alfabético, algo arbitrário. Mas no chinês, com o ideograma, é o pictórico que está ali, é a arte plástica visual, além de apenas o som. E o concretismo é isto também, é o predomínio do visual, o significante cristalizado, sem o significado. Eu preciso do significado apesar de dar grande valor ao significante. Eu quero estar na fronteira. (...) Em princípio, o surgimento do Concretismo me impressionou muito, mais a teorização do grupo do que os poemas". Reynaldo Valinho Alvarez em *Panorama da Poesia Brasileira* destaca: A influência da poesia oriental se configura, neste "Caminho de Marahu", por alusões freqüentes, citações e transposições literárias. Não é por acaso que alguns poemas têm a disposição espacial amplamente difundida entre nós a partir do concretismo, com base na escrita ideográfica." (Jornal de Letras, Rio de Janeiro, 1984).

Bibliografia

- ABREU, Paulo Plínio. *Poesia*, Universidade Federal do Pará, Belém, 1977.
- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Panorama da Poesia Brasileira*. Jornal de Letras, Rio de Janeiro, 1984.
- BARATA, Ruy Guilherme. *Anjo dos Abismos*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1943.
- BOGAN, James. *This For That*, New Letters, Spring 1987. University of Missouri-Kansas City.
- CAMPOMIZZI Filho. *Fala entre parêntesis*, Diário de Minas, Belo Horizonte, 13.11.82.
- CASTRO, Acyr. *A Província do Pará*, Belém, 1973.
- CECIM, Vicente. *Um poeta nu*, Leia/Livros, São Paulo, 1981.
- COUTINHO, Edilberto. *O poeta em busca do parceiro amoroso*, O Globo, Rio de Janeiro, 19.12.84.
- CUNHA, Helena Parente. *Do Pará, um poema criado a quatro mãos*, O Globo, Rio de Janeiro, 1982.
- EICHENBAUM, Reine. *6 Gedichte*, Munique, 1991.
- FAUSTINO, Mário. *Poesia completa/Poesia traduzida*, Editora Max Limonad, São Paulo, 1985.
- GUIMARÃES, Maria Elisa. *Max Martins*, O Liberal, Belém, 15.11.88.
- HOHLFELDT, Antonio. *Alguma Poesia do Norte e Nordeste*, Correio do Povo/Caderno de sábado, Porto Alegre, 22.5.76.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *A poesia nova de Max Martins*, Folha do Norte, Belém, 20.12.71.
- MAROJA, Ângela. *Por que a poesia de Max Martins?*, O Liberal, Belém, 1984.
- MARTINS, Max. *O Estranho*, Editora Revista de Veterinária, Belém, 1952.
- _____. *Anti-Retrato*, Gráfica Falângola Editora, Belém, 1960.
- _____. *H'Era*, Editora Saga, Rio de Janeiro, 1971.
- _____. *O Risco Subscrito*, Semec, Belém, 1980.
- _____. *A Fala Entre Parêntesis*, (Renga com Age de Carvalho), Edições Grápho/Semec/Grafisa, Belém, 1982.
- _____. *Caminho de Marahu*, Edições Grápho/Grafisa, Belém, 1983.
- _____. *60/35*, Edições Grápho/Secdet, Belém, 1986.
- NUNES, Benedito. *H'Era*, Colóquio/Letras, Lisboa, 1973.
- PALMQUIST, Sérgio. *Renga — a poesia coletiva*, A Província do Pará, Belém, 23.5.82.
- PINTO, Elias. *As antenas do poeta*, A Província do Pará, Belém, 25.3.90
- PINTO, Lúcio Flávio. O Liberal, Belém, 30.12.71.
- RIAUEL, Michel. *Une Littérature des marges*, La Quinzaine — Écrivain de Brésil (Número especial, 484), 16 a 30.4.87.
- SAGUI, Tresita. *Meditación para Basho*, Reloj de agua, Mendoza, marzo, 1981.

ABREVIATURAS

m/M	O autor *
A/f	A fala entre parênteses
A/r	Anti-retrato
C/m	Caminho de Marahu
H/"	H'era
O/e	O estranho
O/r	O risco subscrito
S/t	60/35

- Coisa Nossa -

Falavas do estranho e da hipnose

dos riscos na toalha

Da enigmática Elegia 2 de Liszt

Magnética

Da gôndola fúnebre incendiando-se

que adivinhavas

sob a toalha

sob a música da música das palavras

- nosso hobby, nosso poema

Falavas de mim - eu

a te segurar em mim

minado pelo inferno da linguagem

Ou a paixão

Então

Quase indizível na sua glória

Tímida